

MARDUK

Vol 8, n. 8 - Dezembro de 2011 - ISSN 2237-0447 revista de literatura e arte

Erotismo Pornografia Arte

Esta edição é desaconselhável a menores de 18 anos. Conteúdo impróprio.

#08



Foto: Reprodução

Madonna no livro Sex, de 1992

queméquem pg. 04

oque? pg. 05

imagensdeum pg. 06

ouça pg. 12

leia pg. 16

prosaoupoesia pg. 20

assista pg. 23

imagensdooutro pg. 26



Tito Souza é estudante de jornalismo. Colaborador constante da Marduk, é dele a resenha sobre o filme Império dos sentidos, clássico do cinema de arte e pioneiro na discussão sobre os limites entre erotismo e pornografia no cinema.



Filipe Bezerra colabora com a Marduk desde seu primeiro número, dedicado a Hilda Hilst. Apaixonado pela obra da autora paulistana, é dele a resenha sobre a fase pornográfica dela, de onde surgiram livros tão belos e intensos quanto sua vida.



Marcos Cesário é filósofo e fotógrafo. Com um estilo carregado de lirismo, são deles as fotos da seção imagensdooutro.

EDITORIAL

Há limites entre o erotismo e a pornografia? Se existem, até que ponto o que é erótico passa a ser pornográfico? Indo um pouco mais longe, a partir de onde o que antes era pornográfico passa a ser erótico? É sob tais questionamentos que a Marduk deste mês traz a questão da pornografia beirando-se com o erotismo. Fruto de análises e devoção por gente como Bataille e Hilda Hilst, tal tema ainda hoje mexe com opiniões e crenças de inúmeras pessoas e áreas.

Devido a isso, esta edição traz análises de algumas obras que, em dada época, foram consideradas como pornografia e hoje ocupam um status de arte, como é o caso dos catecismos de Carlos Zéfiro, que mexeu com o desejo de gerações ao longo dos anos de 1950 até 1980, ou de *O império dos sentidos*, polêmico desde seu lançamento, nos anos de 1970, pois era exibido como um filme de arte que não sugeria, mas expunha o sexo sem disfarces associado a práticas de perversão, como bem ilustra Tito Souza em sua resenha.

Sob tais análises do erotismo-pornografia nas artes, há ainda uma resenha de Filipe Gonçalves sobre a fase pornográfica de Hilda Hilst, período no qual ela fez a chamada concessão ao mercado, produzindo obras que atraía leitores exatamente por trazer o sexo de modo explícito e sem meias palavras ou metáforas, exatamente como se vê na resenha sobre o erotismo nas canções nacionais e de lá fora.

Fechando essa edição, há ainda sonetos de Pietro Aretino, poeta italiano do século XVI que fez poemas cuja mistura de alta literatura a termos chulos ainda hoje nos surpreende, e fotos de Marcos Cesário sobre *corpos nus*. Depois da leitura dessa edição ainda fica a dúvida: há arte puramente erótica?



Afonso Henrique Novaes Menezes

VAMOS FAZER UM
ATO SECRETO
HOJE À NOITE...



○ catecismo do erótico

Por Afonso Henrique Novaes Menezes

Quadrinhista carioca, Carlos Zéfiro criou uma obra que moldou o imaginário sexual do brasileiro por anos e se tornou uma referência da arte erótica mundial

E DEPOIS UM NEPOTISMO CRUZADO..

Imaginemos a cena: um adolescente vai a uma banca de revista, um pouco assustado e ansioso. Pede ao jornaleiro um catecismo e este, um pouco desconfiado, tira uma pequena revista com aspecto de edição caseira e lhe dá rapidamente, como se ali contivesse um segredo partilhado apenas por ambos. O adolescente sai, de início a passos lentos, olhando para os lados e guardando seu desejado livrinho em meio aos cadernos escolares. Os passos lentos tornam-se rápidos, a vontade se ficar só no quarto de casa aumenta o desejo e a curiosidade em ver o que ali está.

O jovem rapaz enfim chega ao destino. Entra rápido, vai ao quarto, tranca a porta à chave e com cuidado e sobre o colchão de sua cama que guarda tantos outros catecismos abre aquele que não lhe exige reza, mas lhe sombreia a culpa por estar observando, desejando e imaginando coisas proibidas porque ligadas ao sexo e tudo o que ele pode trazer de gozo e medo.

Esta cena, tão comum no cotidiano de muitos brasileiros nos anos 50, seria impensável agora, onde a nudez banalizou-se e o sexo pode ser encontrado em um clique sob variadas formas, em fotos, vídeos e webcams de anônimos ou famosos tornados públicos em sua nudez. Se antes o garoto ingenuamente buscava a banca de revista para descarregar o seu desejo nascente pelo corpo do outro (seu reflexo ou seu contraponto), hoje esse ritual se dilui em uma sexualidade cada vez mais banal e às vezes opaca de tão comum.

Ainda assim, tal imagem acima descrita persiste nas lembranças de quem viveu na era préinternet, provavelmente até meados dos anos 90. O personagem acima descrito provavelmente teria vivido entre os anos 50 e 80. O catecismo que ele desejava, ávido, não continha rezas, mas desenhos; não havia orações, mas palavras imersas no desejo, no sexo sem tarja preta e sem temores. O autor desses catecismos ainda hoje é um mito, talvez porque sua obra mesma tenha saído dos fundos obscuros das bancas de revista para estudos acadêmicos e mostras em museus. Tal autor: Carlos Zéfiro.



O próprio nome Carlos Zéfiro esconde outro, Alcides Caminha, funcionário público que necessitava de um outro nome para expor sua arte, à época vista apenas como pornografia, fato comum num Brasil ainda marcado por regras rígidas de valores, especificamente os ligados à moralidade e ao sexo, e que exigia uma ambigüidade também no mascaramento do desejo e de seu escoamento.

Devido a isso, seu nome se manteve oculto por anos e ele continuava a se dividir entre sua função de funcionário público, ligado ao Ministério do trabalho, e de criador dos quadrinhos. É evidente que, ao longo dos anos, se especulou quem seria o autor de tais histórias e, na década de 1970, os militares chegaram a prender Hélio Brandão, editor e amigo de Zéfiro, como suspeito da autoria, mas o liberaram três dias depois.

Os temas dos catecismos eram bem variados, indo de jovens que buscavam novas experiências a pessoas que inesperadamente caíam em situações que as levavam ao sexo. Tais casos po-

dem ser vistos na narrativa de Pensão familiar ou O fugitivo. Na primeira, um jovem rapaz, Carlos, recém chegado a São Paulo, hospeda-se numa pensão cuja dona é uma jovem senhora, Rosária. Lá ele conhece Renatinho, amante noturno de Rosária, Dora e Maísa, colegas de quarto. Não demora muito até ele namorar Dora e se envolver sexualmente com Rosária e, o mais surpreendente, com Renatinho e com Dora e Maísa, mais tarde descobertas como amantes. Em tal história, já se faz notar algo de naturalmente transgressor em que num ambiente familiar, como sugere o título, haja tantas formas de exercício da sexualidade onde reine apenas o prazer sem pecado.

A outra história trata de Severino, fugitivo da cadeia que encontra abrigo numa fazenda de um coronel rico. Lá, ele se faz passar por um ser-tanejo que acaba por se relacionar com a filha



da empregada, uma jovem moça de 16 anos, e a liberada filha do coronel, vinda da cidade. Ambas terminam por engravidar dele, que foge mais uma vez.

Tais histórias servem também como pequenas crônicas sexuais de um Brasil ainda ingênuo. Afora o fato de uma menor de idade se envolver com um homem sem que se façam mui-

VIRANDO-SE ELA SE
ENCAMINHOU PARA
A CAMA E APRECI-
EI SUA BUNDA VO-
LUMOSA, CUJAS
NÁDEGAS REBOLA-
VAM A MEDIDA
QUE ELA ANDA-
VA.

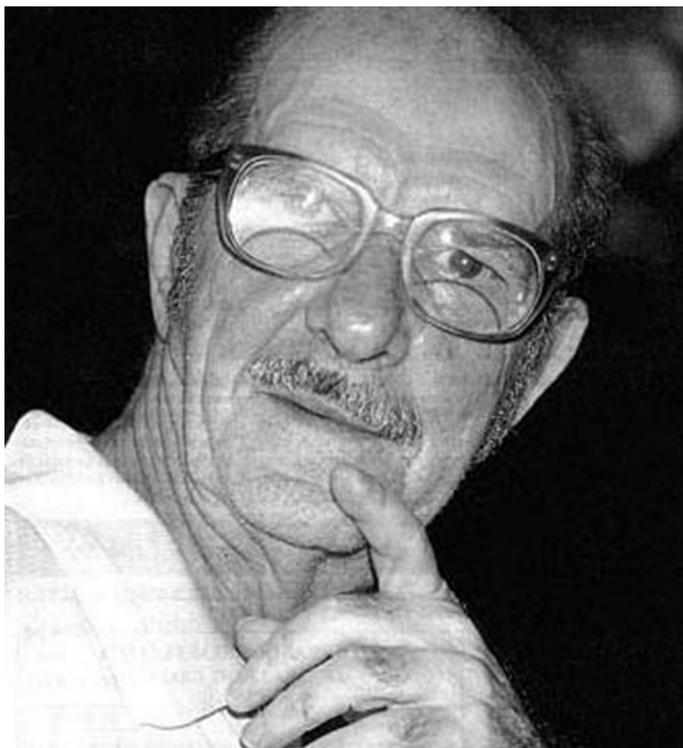


POUCO A POUCO ELA FOI LEVANTANDO AS PERNAS PA-
RA GANHAR MAIS UNS MILIMETROS. E EU ME APRO-
FUNDAVA DENTRO DELA.

Querido! Está maravilhoso!
Tu hoje estás mais grosso, ma-
is durinho!



tos alardes, é notável nos traços de Zéfiro e em seu texto uma época onde o imaginário sexual do brasileiro se concentrava nas mulheres de cinturas finas e seios fartos com um corpo moldado por um vestuário típico do período dos anos 50 e 60 e os homens eram naturalmente fortes, com o rosto moldado por um bigode e sempre elegantes com seus ternos cheirando a Lancaster, sem falar na narrativa oscilante entre uma descrição sem pretensões dos espaços e objetividade nos atos (sexuais) dos personagens.

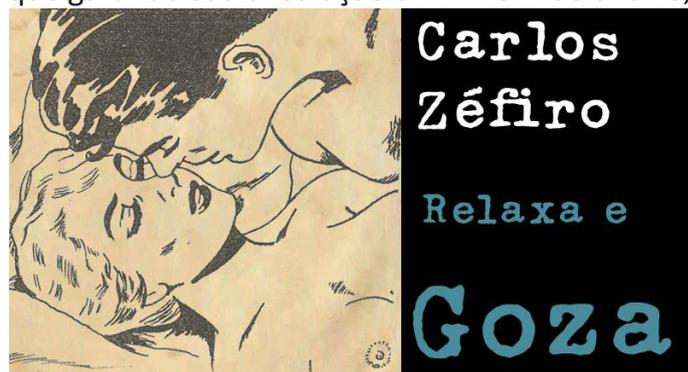


Carlos Zéfiro

Devido a isso, o traço de Zéfiro também se tornou uma referência, a qual pôde servir de inspiração a outros desenhistas. Curiosamente, o nome Carlos Zéfiro veio de um autor mexicano e as inspirações do estilo e das histórias vieram tanto do próprio México quanto das revistas pornográficas suecas. No entanto, as situações, a sensualidade e o modo como os personagens atuam são claramente brasileiros, destoando inclusive dos chamados tijuana bibles, quadrinhos eróticos norteamericanos que circularam naquele país dos anos de 1930 até os anos de 1950.

Para fazer seus mais de 800 catecismos, Zéfiro usava papel vegetal e produzia revistas com até 32 páginas e dois quadros por folha. A

impressão era feita em várias gráficas do país, o que garantia sua circulação em nível nacional e,



obviamente, sua fama entre os consumidores de seus catecismos, como o fictício personagem que abre este texto. Certamente, se ele existisse, hoje estaria com netos, vendo-os à espreita fazerem pouco caso dessas revistinhas, trocando-as por Playboys e sites de sexo à mão e sem controle em qualquer computador que tenha acesso à net.

Ao ver essa variação de tempo, dos de 1950 a hoje, obviamente que o tratamento dado ao sexo e o que ele traz mudou, até porque os quadrinhos de Zéfiro surgiram na fase pré-revolução sexual e SIDA. No entanto, algo neles ainda se mantém intacto, seja na sugestão de realidade que os desenhos passam, seja no modo como os personagens se encontram, se tocam e gozam.

De qualquer modo, Alcides Caminha morreu em 1992 para dar lugar ao nome de Carlos Zéfiro, tornado público como a mesma pessoa uma ano antes pelo jornalista Juca Kfourri. Além disso, a cantora Marisa Monte estampou em um cd, Barulhinho bom, imagens dos catecismos, realçando ainda mais o caráter agora artístico do que pornográfico da obra de Zéfiro, o que se comprovou este ano com uma exposição sua no Museu do sexo de Nova York. Nada mal para quem temia perder o emprego por conduta escandalosa devido aos seus catecismos.

oque: zéfiro, Carlos. Carlos Zéfiro - In black and white. Ed. Plugin (esgotado) ■

A black and white close-up photograph of a woman's face. She has light-colored hair pulled back, and her right hand is raised to her forehead, with fingers spread. Her eyes are looking directly at the camera with a serious expression. The lighting is dramatic, highlighting the contours of her face and hand against a dark background.

Canções e erotismo

Por Afonso Henrique Novaes Menezes

Com sugestões de relação sexual ou através de apelos diretos, a canção popular do século XX ao XXI passou por intensas mudanças ao retratar o erotismo, refletindo o modo como cada época tratou desse tema

A relação entre música e erotismo é mais antiga do que nos faz supor Madonna. Um dos pontos indicativos de que canções pop e insinuação sexual podem ser um bom casamento já remonta ao final dos anos 50 (especificamente 1959) com a sussurrada *Teach me Tiger*, que muitos atribuem erroneamente a Marilyn Monroe, mas que, na verdade, foi lançada por April Stevens, cantora americana de relativo sucesso nessa época e que causou alvoroço com seus sussurros entoando a letra cheia de sugestões: “teach me Tiger how i kiss you teach me Tiger i would Kiss you But teach me first, teach what to do But show me first, oh, show me what to do (...) or i’ll teach you” (Ensine-me, tigre, como eu te beijo Ensine, tigre, eu gostaria de te beijar Mas me ensine primeiro, oh, Me mostre o que fazer (...) ou eu te ensinarei). Óbvio que causou escândalo, até porque na era pré-revolução sexual nos EUA uma moça cantar daquele jeito e



April Stevens

Foto: Reprodução

fazer a contraproposta de ensinar ao tigre (símbolo da macheza) o que ele talvez não soubesse seria (com as devidas proporções) o mesmo que ela ilustrar em imagens o que causava os gemidos.

Daí a 10 anos outra canção igualmente sussurrada completaria o clima de sexo em quartos de amantes. Era o auge da liberdade e da revolução pós-maio de 68 e Serge Gainsbourg, um mito até hoje na França, lançava com Jane Birkin, sua mulher à época, *Je t’aime moi non plus*, na qual se ouvia uma relação sexual acontecer com direito a orgasmos gemidos em meio à letra, poética e até mesmo sutil em seu erotismo: “comme la vague irresolue je vais je vais Et je viens Entre te riens Et je me retiens” (Como a onda irresoluta Eu vou eu vou e volto Em teu dorso Eu me retenho).



Foto: Reprodução

Jane Birkin e Serge Gainsbourg

Serge causará um escândalo através de outra canção, mas desta vez nos anos de 1980, com *Lemon incest*, dueto dele com sua filha, Charlotte (hoje atriz) na época com 13 anos, lançando seu primeiro disco. As insinuações na letra de que havia uma relação entre uma menina e um homem mais velho causaram reações adversas, principalmente porque no refrão ela sonorizava papapa inúmeras vezes. Ou seja, incesto e pedofilia foram demais para quem anos antes se escandalizava (ou gostava e gozava) com canções que falavam metáforas de ondas de prazer em corpos nus embalados por vozes gemidas.

É evidente que estas canções acabam por refletir seu tempo e, de algum modo, como cada época foi tratando do erótico no campo das artes. O que fica claro, ao ouvir tais canções e localizar o tempo em que elas foram lançadas, é que o sugerido sempre é mais eficaz que o exposto ou dito sem sutilezas. Nesse caso, mostrar, destacar ou indicar sem sombras ou metáforas aquilo que o prazer e o sexo trazem pode ser cansativo, morre em seguida de seu nascimento, como bem salientou Roland Barthes a respeito da diferença entre o erotismo e a pornografia. Tome-se ainda o fato de que as metáforas podem ser poderosas em driblar qualquer possibilidade de censura, não importando o período.

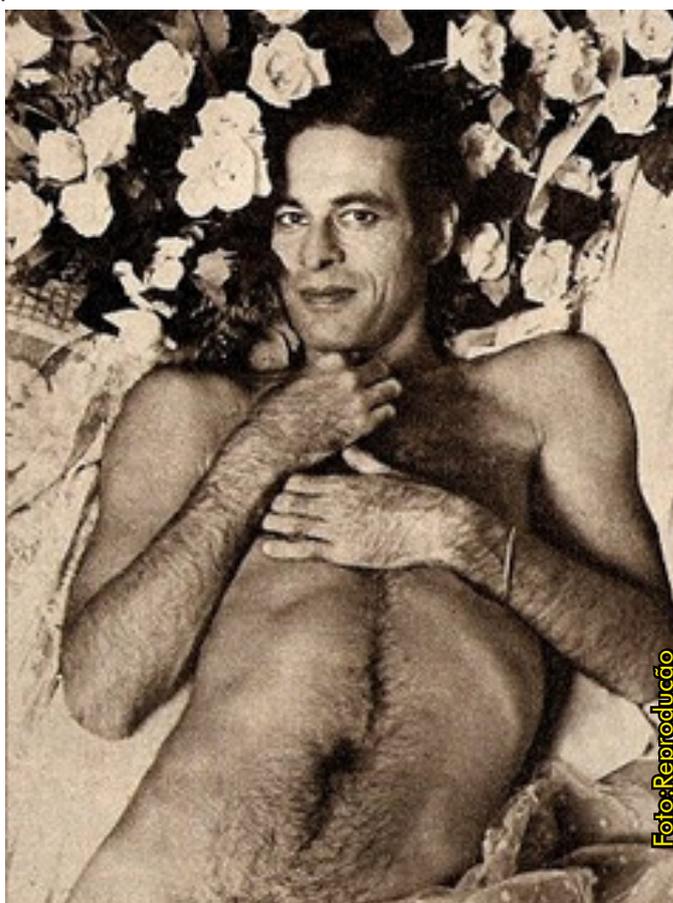
Caso comum a isso foi o que ocorreu no Brasil dos anos de 1970, onde os militares reprimiam qualquer indicação de desordem, seja no campo político e sexual. Contra isso conta-se muito o surgimento dos Secos e molhados, ainda hoje farol para quem quer transgredir os costumes, se é que ainda isso possa acontecer nos nossos tempos, e que acabou tendo versões bizarras e declaradamente escrachadas como a banda recifense Textículos de Mary, misto de travestismo e teatro.

Em carreira solo, Ney Matogrosso, que havia saído dos Secos e molhados após dois discos lançados, enfatizou ainda mais sua ambigüidade, não só na postura de palco, ainda hoje hipnótica, mas também nas letras de canções como Homem com H ou na versão nonsense de Telma eu não sou gay, clássica da versão paródia de sucessos americanos dos anos de 1980.

No entanto, em um rock setentista chamado Açúcar candy há um erotismo cuja letra corajosa parecia desafiar todas as formas de repressão do período, pois, além de haver os já comuns gemidos de Gainsborough e April Stevens, havia uma letra que mostrava uma relação homossexual cheia de prazer, exaltando o pênis do homem que o dominava em sua potência e tamanho: “as balas de seu 38 me matam de prazer (...) Meu corpo estremece Meu corpo falece Crivado de flechas venenosas Sua pistola dispara

baunilha Na minha boca No meu dorso Ai precípicio Ai que poço de delícias”.

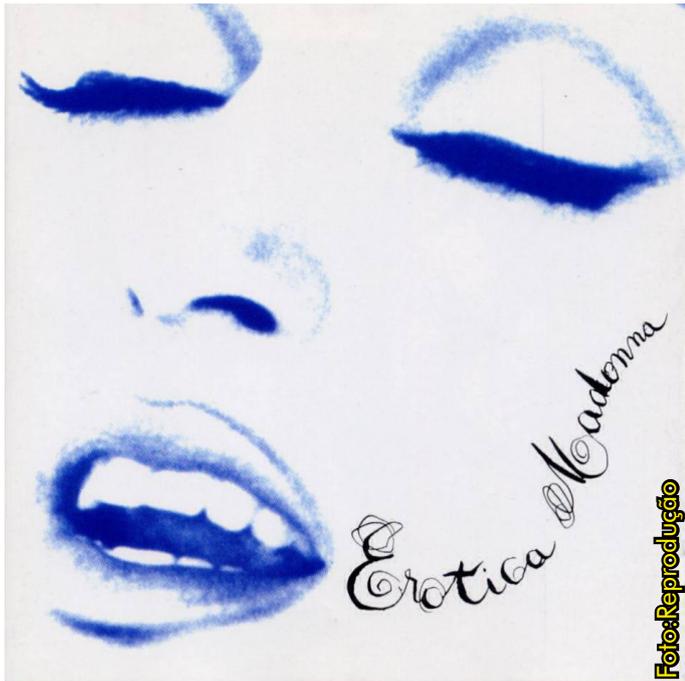
Com tais palavras, certamente os franceses e americanos iriam corar diante de imagens tão diretas quanto verdadeiras, a tal ponto de se imaginar a luta entre dominador e dominado no jogo da pistola que atira baunilha na boca e corpo do vencido.



Ney Matogrosso

Ainda na esteira do erotismo em letras de canções, Chico Buarque foi inquestionavelmente o mestre de dar forma a sentimentos e prazeres em palavras feitas versos. Sem contar a alardeada visão de mulher que ele tem em muitas de suas canções (onde o erotismo subjaz no discurso de todas elas), letras de canções como Eu te amo nos dão a medida exata de como ter um equilíbrio entre o erotismo e a poesia sem decair no lugar comum e ainda assim expor a intensidade de uma relação sexual, como trazem os versos dessa música, que dizem: “Como se nos amamos como dois pagãos Teus seios ainda estão nas minhas mãos Me explica com que cara eu vou sair”.

Mas o erotismo plástico, aquele que, de tão fake e calculado, atrai nosso olhar encontrou em Madonna a sua mais completa tradução. Vinha de fases distintas, como, aliás, sempre foi sua carreira, ela saltou de uma bombshell misteriosa, típica do cinema noir, no filme Dick Tracy para bobagens libertárias de Na cama com Madonna. Musicalmente, *Erótica*, um disco que lhe abriu os anos de 1990, foi lançado com estardalhaço junto ao livro de fotos chamado de Sex.



Capa do cd *Erótica* de Madonna

Pornografia soft, aliada a batidas eletrônicas e uma versão sussurrada (jeito de cantar sensual que nunca cai de moda) do clássico Fever fizeram dela um símbolo da sexualidade liberada, com indicações bobas de total transgressão vigiada, como a famosa entrevista a David Letterman em que ela lhe entregou uma calcinha.

No Brasil, quando ela veio divulgar o disco com o espetáculo The Girlie Show várias meninas mostraram-lhe os seios como forma de também serem transgressoras. Certamente Madonna não esperava por isso. O choque de realidade de um erotismo quase pornô contra um comportamento calculadamente com data para acabar deve ter sido demais para ela. Sinal de tempos em que simular é melhor que sugerir e que sutilezas e ambigüidades safadas são derrubadas pela putaria sem disfarces.

O melhor exemplo disso são os proibições, músicas do funk carioca cujas letras tratam de violência e drogas sem meios termos e, obviamente, apresentam o sexo de uma maneira tão crua quanto chocante. Um exemplo disso são as letras de A gaiola das popozudas ou do funk Na arte do sexo, da MC Katia, de onde se ouve: “Na arte do sexo Pode crer que eu escucho Faço tudo o que ele gosta E ainda dou o meu cu de cabeça pra baixo”.

Com tal letra, os títulos dos proibições já remetem a uma realidade que ora fascina, ora escandaliza a classe média que ainda permite as letras bobinhas de Madonna ou se diverte com a inteligência marota de Genival Lacerda ou Sandro Becker. Sinal dos tempos.

oque: matogrosso, Ney. Metamorfoses. Box com 16 cd's. Grav. Universal, r\$ 300,00

madonna, erótica. Grav. Warner. R\$ 27,90



A santa que levantou a saia

Por Filipe Bezerra

Criadora de uma das obras mais completas da literatura contemporânea brasileira, Hilda Hilst escreveu uma tetralogia pornográfica, onde trata, entre outras coisas, do fazer literário.

“É um ato de agressão. Não é um livro, é uma banana a Lori Lamby, que eu estou dando para os editores, pro mercado editorial. Porque durante quarenta anos eu trabalhei a sério, tive um excesso de seriedade, de lucidez e não aconteceu absolutamente nada. Agora eu acho que as pessoas precisam ser acordadas. É muito importante se a pessoa está dormindo há muito tempo você fazer uma ação vigorosa para que a pessoa se levante.”, debocha Hilda Hilst numa entrevista à TV Cultura, em 1990, na ocasião do lançamento de *O caderno rosa de Lori Lamby*, seu primeiro livro pornográfico, ou de “bandalheiras”, como ela mesma nomeava.

A resposta revela não apenas o ressentimento da escritora com a então pouca repercussão de suas obras em meio ao grande público – vaidosa, sem falsa modéstia ela afirmava que tudo o que escreveu era deslumbrante –, revela também que seu projeto obsceno se erigia sob a tradição de nomes como D. H. Lawrence, escritor inglês que defendia a literatura grotesca, que causava choque nos leitores, como uma das maneiras possíveis de derrubar as mentiras que sustentam a sociedade.

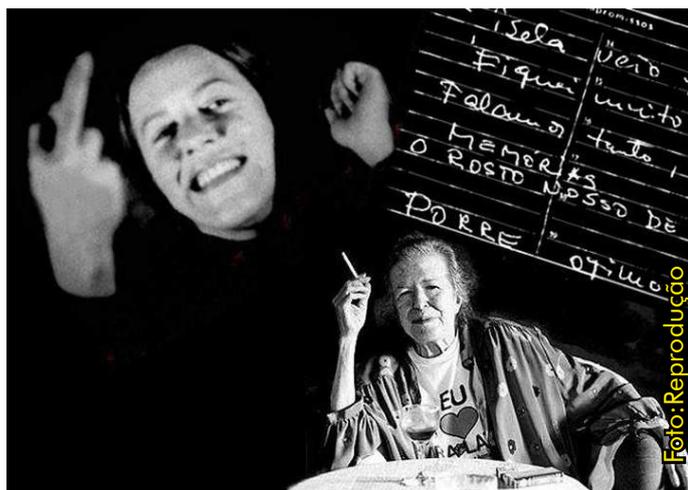
Mais adiante, ainda explicando as razões que a levaram enveredar pelo gênero, ela comenta: *“há uma tristeza muito profunda no mundo e o riso é uma solução muito grande para uma saúde mental geral, para a minha foi excelente”*, explicitando da mesma maneira sua filiação ao pensamento de Georges Bataille, famoso escritor francês que costumava abordar em seus escritos temas como o erotismo, a transgressão e o religioso; e para quem o riso é compreendido como um compromisso que o homem adota diante de algo que o repugna, quando esse algo não lhe parece tão grave.

Hilda escreveu quatro livros tidos como pornográficos. *O caderno rosa de Lori Lamby*, inaugurando essa tetralogia, se insere numa tradição de novelas francesas do século XVIII, escritas em forma de diários ou epístolas, de forma irônica: num caderno rosa, Lori Lamby, a protagonista de oito anos de idade, anota com sua linguagem infantil seu dia-a-dia vendendo o próprio corpo a homens, sendo agenciada pela sua mãe e seu pai – um escritor considerado genial, que escreve textos deslumbrantes, mas sem sucesso algum de vendas e, por isso, sofre pressão de seu editor para escrever bandalheiras, que, segundo ele, é o que vende. “Eu contei pro papi que gosto muito de ser lambida, mas parece que ele nem me escutou, e se eu pudesse eu ficava muito tempo na minha caminha com as pernas abertas”, escreve Lori Lamby em um dos vários trechos onde ela deixa claro que gosta e sente prazer no que faz.

Lori também reconhece as questões práticas que estão por trás do que faz: “Tudo isso que eu estou escrevendo não é pra contar pra ninguém porque se eu conto pra outra gente, todas as meninas vão querer ser lambidas e tem umas meninas mais bonitas do que eu, aí os moços vão dar dinheiro pra todas e não vai sobrar dinheiro pra mim, pra eu comprar coisas que eu vejo na televisão e na escola. Aquelas bolsinhas, blusinhas, aqueles tênis e a boneca da Xoxa”. O final inesperado endossa, ainda que mantendo todo o clima de leveza da narrativa autobiográfica de Lori, a opressão de uma sociedade materialista de consumo, onde se vale o que se tem ou o que se pode gerar de lucro, que conhece preços e desconhece valores e onde não estão imunes nem mesmo as crianças.

O segundo livro, *Contos de escárnio e textos grotescos*, inicia-se também com um deboche ao mercado editorial e aos leitores comuns. Crasso, autor ficcional do “roteiro de fofocas”, é um escritor iniciante que se diverte escrevendo um conjunto caótico de textos que ali se unem numa confusão de gêneros (prosa, receitas, tea-

tro, poesia), baseados em sua movimentada vida sexual: “Resolvi escrever este livro porque ao longo da minha vida tenho lido tanto lixo que resolvi escrever o meu. Sempre sonhei ser escritor. Mas tinha tal respeito pela literatura que jamais ousei. Hoje, no entanto, todo mundo se diz escritor. E os outros, os que leem, também acham que os idiotas o são. É tanta bestagem em letra de fôrma que pensei, por que não posso escrever a minha”.



Hilda Hilst

Tendo não por acaso um nome que remete aos adjetivos “grosso”, “grosseiro” e “burro”, Crasso se inscreve nos clichês heterossexuais machistas, segundo os quais a mulher está subjugada às vontades do homem: “O que eu podia fazer com as mulheres além de foder?” E sua narrativa não será diferente, cheia de lugares-comuns do gênero pornográfico: seu envolvimento com Lina, uma virgem deflorada; com Otávia, adepta ao sadomasoquismo; com Flora, uma advogada culta e insaciável; entre outras. Carregado de descrições denotativas dos atos sexuais, o leitor é convidado a se pôr num papel de *voyeuse*, ao mesmo tempo, caso tenha tal discernimento, de crítico do tipo do texto que lê, para que então possa responder a si mesmo: vale mais a literatura de mercado ou a que possui qualidades estéticas?

Cartas de um sedutor, que dá sequência à tetralogia, é um livro produzido a partir de uma

multiplicidade de vozes narrativas. E mais uma vez a questão editorial emerge: Stamatius é um escritor que se autoexilou da classe média burguesa após ter sua produção literária recusada pelo mercado editorial (aqui, ao contrário do pai de Lori, por serem escrachados demais) e vive em condições deploráveis, como mendigo, pelas ruas com Eulália, unidos quase que exclusivamente pelo desejo que um sente pelo outro. E é esse desejo obsessivo que um tem pelo outro que serve de inspiração para muitas narrativas que Stamatius escreve, incluindo aí as cartas do sedutor que dão título e principiam o livro.

Karl escreve uma série de cartas para sua irmã, Cordélia (que também lhe manda cartas, mas o seu conteúdo nós apenas sabemos mediante alusões feitas nas cartas de Karl), com uma série de reflexões feitas a partir de sua visão de homem culto, amoral e rico sobre a vida, que ele tenta responder através do sexo. As cartas são provocativas e revelam a bissexualidade de Karl, suas relações incestuosas com Cordélia e a constante dúvida se ela transou ou não com o pai deles, que ele próprio também desejava e sabia que mantinha um caso com outro homem. Cesadas as cartas, o livro segue com contos trágicos que Stamatius cria a partir do discurso de Eulália.

Encerrando a quadra de títulos pornográficos, *Bufólicas* já traz em seu título a sugestão do burlesco, cômico e farsesco que perpassa toda a intenção do livro. Ao longo dos sete poemas narrativos que o compõem, desfilam personagens do imaginário fabulesco e infantil: fada, bruxa, rei, Chapeuzinho Vermelho, anão, etc., todos deslocados de suas representações mais comuns, em situações erotizadas, escrachadas e patéticas, que causam o riso sugerido por Bataille. “De pau em riste / O anão Cidão / Vivia triste. / Além do chato de ser anão / Nunca podia / Meter o ganso na tia / Nem na rodela do negro. / É que havia um problema: / O porongo era longo / Feito um bastão. / E quando ativado / Virava... a terceira perna do anão.” E nesse tom jocoso, Hilda discute de forma sarcástica temas como homossexualidade, sexualidade reprimida,

violência sexual, exploração financeira do sexo, repressão e autoritarismo.

Ainda na mesma entrevista já citada, Hilda comenta: *“a verdadeira natureza do obsceno é a vontade de converter. (...) de certa forma, se você for consideravelmente repugnante, você faz com que o outro comece a querer a nostalgia da santidade.”* O desejo de ter cada vez mais leitores, de ser lida, de fazer ecoar o que tinha a dizer, fez com que ela, já respeitada pela academia, pelos intelectuais paulistas, dona de uma produção sempre encarada como séria, tomasse tal atitude. *“Parece que a santa levantou a saia”*, ria a respeito da recepção de seu então limitado público à sua nova postura. Mas, para ela *“o escritor deseja ser lido. Essa é a vontade e a meta do escritor. Não adianta nada para mim dizerem que sou excelente e eu perguntar: ‘o senhor leu?’ ‘Não senhora, nunca li’. Então eu espero que dessa vez me leiam na cápsula, no bonde, e nos banheiros também”*.

Entretanto, engana-se quem deseja nos banheiros fustigar efeitos hormonais no corpo com a leitura de tais textos. Sob a perspectiva das breves sínteses expostas sobre cada um dos títulos da literatura pornográfica de Hilda Hilst, fica claro que seus textos contrariam a regra primeira da pornografia medíocre: a simulação realista. Percorrendo um caminho inverso, eles se desdobram incansavelmente sobre si próprios revelando sua condição de expressão literária tornando, desse modo, vazia a superfície de seu conteúdo sexual.

oque: *hilst, hilda o caderno rosa de lory lambi.*
ed. Globo r\$ 35,00

hilst, Hilda bufólica. ed. globo. r\$ 21,00

hilst, hilda cartas de um sedutor ed. globo
(esgotado)



Pietro Aretino por Ticiano

Pietro Aretino

Aretino - poeta das palavras chulas e vãs

Pietro Aretino viveu no século XVI na Itália. Filho de um sapateiro e de uma prostituta, passou do ofício de encadernador de livros a escritor com um estilo que misturava erudição e pornografia.

Devido a tal estilo, foi temido por uns e admirado por outros, como o pintor Ticiano que lhe fez retratos, sendo chamado em sua época de Flagelo dos príncipes.

Os poemas abaixo fazem parte de sua obra Sonetos luxuriosos, polêmica e rejeitada em seu tempo, e hoje referência de qualidade da chamada literatura pornográfica, assim como sua outra obra O diálogo das cortesãs.

Sonetos luxuriosos de Pietro Aretino**Soneto 11**

Para provar tão célebre caralho,
Que me derruba as orlas já da cona,
Quisera transformar-me toda em cona,
Mas queria que fosses só caralho.

Se eu fosse toda cona e tu caralho,
Saciaria de vez a minha cona,
E tirarias tu também da cona
Todo o prazer que ali busque o caralho.

Mas não podendo eu ser somente cona,

Nem inteiro fazeres-te caralho,
Recebe o bem querer da minha cona.

E vós tomai, do não assaz caralho,
O ânimo pronto, baixai a vossa cona,
Enquanto enfio fundo o meu caralho.

Depois, sobre o caralho

Abandonai-vos toda com a cona,
Que caralho eu serei, vós sereis cona.

Soneto 12

Mete e volta a meter o teu caralho
No cu desta que em cona não o goza
Porque esta fodedura é mais gostosa:
Praz à mulher a quem praza o caralho.

Vós podeis ver com quanto ardor batalho.
Pois em foder não há mais valorosa.
Quase toda hoje em dia é viciosa.
Que deleite encontrar de melhor talho?

Certo, meu bem, mas mexe mais depressa.
Mete o caralho atrás, aí! mexe, avante!
Que eu mexo sem parar, de amor possessa.

Oh, bela prova de um fiel amante!

Duas vezes cumprir, à pressa, à pressa,
Com ele sempre rígido e constante.

Caralho de diamante!

Posso dizer que gozo-te, alma minha.
Amor te guarde e te honre em toda linha.

Soneto 17

Fica quieto, meu velho, sobrestá.
Enfia, mestre meu, enfia até
O cabo, dá-me a língua, eu morro, olé!
Teu caralho à minha alma chegará.

Senhora, agora mesmo ele entrará
Todo em vós; sobre a terra ponde o pé.
Bom serviço será, por minha fé,
Este que ora faremos. Vamos lá.

De satisfeito, vou e volto, vou
E volto. Faz o mesmo: mexe e sua.
Mamãe! bem perto de acabar estou.

Não acabes, contém a pressa tua.
Tal doçura esta foda me brindou
Que anseio por que nunca se conclua.

Eia, Madona, e u>a

Mercê - a de acabar - fazei por mim:
Eu acabo e tu não? Senhora, sim.

Soneto 26

Estes nossos sonetos do caralho,
Que falam só de cu, caralho, cona,
E feitos a caralho, a cu, a cona,
Semelham vossas caras de caralho.

Trouxestes cá, poetas do caralho,
As armas para pôr em cu e cona.
Sois feitos a caralho, a cu, a cona,
Produtos de grã cona e grã caralho.

E se furor, oh gente do caralho,
Vos falta, ficareis no pica-cona,
Como acontece amiúde co>o caralho.

Aqui termino essa questão da cona
P>ra não entrar no bando do caralho,
E, caralho, vos deixo em cu e cona.

Quem perversões tenciona
Aqui nestas asneiras logo as lê.
Que mau ano e mau tempo Deus lhe dê.

oque:aretino,pietro. sonetos luxuriosos, ed. má
companhia, r\$ 19,00



Amor, erotismo e morte

Por Tito Souza

Produção franco-japonesa traz para as telas uma polêmica história de amor e sexo sem limites entre uma ex-prostituta e seu patrão.

Se o prazer existe para (tentar) satisfazer o desejo, o que se pode dizer quando este adquire uma dimensão irrefreável a ponto de se tornar uma obsessão? Seria possível controlar a volúpia dos sentidos quando eles se tornam a única lei que rege a própria existência? Tais indagações, embora pareçam um tanto intrincadas, não têm a pretensão de serem aqui respondidas. Aliás, nem parece ter sido essa a intenção do diretor japonês Nagisa Oshima, em seu controverso Império dos Sentidos, verdadeira obra-prima cinematográfica que apresenta limites bastante tênues com a pornografia.

Lançado mundialmente em 1976, Império dos Sentidos tornou-se polêmico pela naturalidade com que abordou o desconcertante envolvimento afetivo e sexual entre os protagonistas. Na época em que foi produzido, Nagisa Oshima teve que realizar as filmagens na França para escapar da rígida censura do seu país de origem. Ambientado em 1936, o filme é baseado em uma história real que chocou a opinião pública no Japão, fato que provavelmente contribuiu para reforçar o seu caráter transgressor e justificar a sua proibição em diversos países.

Sada (Eiko Matsuda), ex-prostituta que se torna empregada de uma típica propriedade familiar japonesa, passa a se relacionar sexualmente com o seu patrão, Kitisan (Tatsuya Fuji). Embora seja casado, Kitisan sente-se cada vez mais atraído pela jovem Sada, e em pouco tempo os dois iniciam um romance de entrega total. Passam, então, a viver uma paixão sem limites, deixando-se guiar completamente pelos sentidos, a ponto de praticarem sexo de maneira quase ininterrupta, incontrolável, obsessiva.

Os encontros amorosos, inicialmente furtivos, tornam-se cada vez mais frequentes e intensos. A certa altura, Sada e Kitisan recusam-

se a aceitar quaisquer convenções. Não fazia mais diferença se eram vistos ou criticados pelo comportamento nada puritano. Tudo o que faziam era externar seus desejos e pulsões sexuais, que cresciam furiosamente.

Para Sada, o que mais importava era estar sempre próxima de Kitisan, especialmente através da união carnal. Já não podia sequer admitir a ideia do seu amante se relacionar sexualmente com a própria esposa, chegando a ameaçá-lo de morte caso o fizesse. “Meu prazer é lhe dar prazer e obedecer aos seus desejos”, afirma Kitisan, aceitando a sua completa submissão aos desejos libidinosos de Sada. Ela, portanto, é quem passa a ditar as regras do romance, invertendo assim a clássica tendência da dominação masculina na cultura oriental.



Cena do filme

Em sua busca incessante pelo gozo, o casal pratica não apenas o voyeurismo, partindo também para os flagelos físicos. Ao perceberem que a dor poderia ser um estímulo à excitação, aderem definitivamente ao sadomasoquismo, utilizando o estrangulamento como artifício para obtenção do prazer. A partir desse momento, é como se os corpos de Sada e Kitisan não mais lhes pertencessem: são as forças de Eros e Tânatos manifestando-se cada vez mais intensamente, numa espécie de duelo entre amor e destruição.

O curioso elo que se estabelece entre Sada e Kitisan é certamente o que chama a

atenção na narrativa. O permanente desejo de estarem ligados, quase sempre fisicamente, é o que mobiliza a ação dos personagens. Em um frenesi constante, seus corpos deslizam em cena, movimentando-se em contrações rítmicas e sensuais. Imersos nessa total embriaguez dos sentidos, os amantes vivem dionisiacamente, até culminar no desfecho surpreendente.



Cena do filme

Em Império dos Sentidos, mesmo as cenas de sexo explícito são realizadas de maneira bela e poética. Nele, o ato sexual não é o fim em si, mas o meio pelo qual o desejo se faz comunicar. E apesar do forte realismo presente nas telas (os atores de fato fizeram sexo), não se trata de um filme propriamente pornográfico. Talvez seja mais adequado situá-lo como uma obra do gênero drama erótico, considerando a sua atmosfera densamente lúbrica.

Outro aspecto marcante do longa-metragem é o contexto histórico que lhe serve de pano de fundo. O enredo, que se passa poucos anos antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, pode ser considerado um reflexo das tensões sociais existentes no Japão daquele período, ainda que não seja esta a perspectiva central da narrativa. De qualquer modo, Império dos Sentidos é uma obra tão impactante quanto atemporal. Um filme fantasticamente erótico e assustadoramente intenso. ■

oque: oshima,Nagisa. o império dos sentidos.
spectra nova. r\$ 14,90

A nudez onírica das fotos de Marcos Cesário

As imagens de Marcos Cesário guardam algo de onírico, como um segredo que quase se mostra. Talvez por isso, ao vê-las, sempre há algo que nos captura o olhar, seja a cor que toma as formas que ele registra, seja o significado do que aquela imagem pode trazer. Não por acaso, ele dá outros tantos sentidos a cenas cotidianas, como nas fotos das mulheres e homens da comunidade de Tijuacu ou na nudez de corpos que não nos despertam senão o desejo de entender a beleza que dali brota. São essas imagens que estão presentes na Marduk deste mês.

Subvertendo os conceitos de erotismo, mesmo usando elementos que poderiam ser facilmente identificados por ele, Cesário amplia as possibilidades de classificação de sua obra, principalmente por não buscar a obviedade tão comum a cenas de nu. Nesse caso, ao contrário de haver a nudez de um corpo por si mesma, há algo de secreto que nos escapa o entendimento toda vez que olhamos tais imagens. Isso certamente é o que faz um fotógrafo ser mais do que alguém que capta a vida. A sensualidade de suas fotos é natural sem que se force o espectador a percebê-la. E daí fica apenas a beleza, isenta de julgamentos.







MARDUK
ISSN 2237-0447

Direção geral

Afonso Henrique Novaes Menezes

Editores

Afonso Henrique Novaes Menezes

Filipe Gonçalves

Washington Lacerda

Consultoria Técnica:

Renato Alves

Diagramação

Washington Lacerda

Realização:



Assessoria de Cultura



Universidade Federal do Vale do São Francisco

Reitor em exercício

Paulo César Silva Lima

email: marduk@univasf.edu.br

Vol. 8, n. 8 - Dezembro de 2011

Esta revista é de circulação exclusivamente on line e gratuita, não gerando lucro nem para seus editores nem para seus colaboradores